

As Tentativas de Mitologia de Sérgio Buarque de Holanda

Uma queixa recorrente e justificada é a ausência de uma prática tão simples e tão natural, que ao deixar de existir criou um vácuo, um vazio, um nada: a crítica literária dos suplementos da grande mídia. Que não se chamava assim nos tempos de Carpeaux, Álvaro Lins, Augusto Meyer, Sergio Milliet, Alceu Amoroso Lima etc. Há as exceções gloriosas como Wilson Martins, mas nem uma grande andorinha, nenhuma águia, faz verão sozinha. Sem a pretensão de restaurar o perdido, só de aliviar a pena, O Escritor começa neste número e nesta página a fazer crítica literária regular, assinada variadamente segundo critérios do Conselho Editorial. Sua intenção é a de toda crítica séria: situar o autor, .

Antônio Cândido

Mesmo para um velho e fiel leitor de Sérgio Buarque de Holanda, como eu sou há mais de quarenta anos, *Tentativas de Mitologia*, editado no fim de 1979, é uma bela novidade, por ser o primeiro livro dele que reúne várias faces da sua grande envergadura mental, simultaneamente e em amostras expressivas. Há *Cobra de Vidro*, é certo; mas em *Tentativas de Mitologia* os estudos são mais completos. Estudos longos e profundos na maioria, mostrando como Sérgio é capaz de penetrar na raiz dos problemas e dos textos, com um ar discreto de quem não quer impor, mas acaba envolvendo a convicção de quem lê. Aqui ele aparece como crítico, pensador, erudito, - compondo a mais completa organização de historiador que o Brasil conhece; capaz de modular os temas e circular pelos territórios mais variados, demonstrando em cada um deles conhecimento de especialista (sem falar na leveza de alguns escritos de evocação da vida literária).

É assim que vemos um saber de antropólogo quando comenta Oliveira Viana, Gilberto Freyre ou Emilio Willems, da mesma maneira por que vemos o do filósofo nas análises de Pero de Botelho e Euríalo Canabrava, e a profunda ciência de estudioso da literatura nos estudos sobre a Arcádia e o Barroco. Em todos esses domínios revela o tacto refinado que os críticos literários deveriam ter, assim como a solidez do conhecimento pormenorizado que os historiadores só costumam possuir no caminho onde evoluem. A exaustiva informação bibliográfica e factual é tão notável em seus escritos quanto o gosto certo e a segurança do juízo.

Há obras dele onde aparece sobretudo o homem que interpreta, deixando em segundo plano o sabedor de dados (é o caso de *Raízes do Brasil*). Há outras onde este predomina e aquele se esbate, como *Monções*. E há as empresas monumentais, onde as duas coisas se entrelaçam em grande escala, como *Visão do Paraíso* e *Do Império à República*. Nas realizadíssimas *Tentativas de Mitologia* isto ocorre de maneira diferente, porque o conhecedor do detalhe é indissociável do intérprete, de voo largo – mas em ensaios e artigos que a vista do leitor abrange de um golpe. E então pode verificar mais facilmente a argúcia e a ciência de Sérgio Buarque de Holanda, a sua seriedade apaixonada e o seu humor *princesans-rire*.

Uma das coisas que dão solidez a este livro é que o autor opina muito, não hesita em tomar posição e deixa claro o seu modo de ver. No geral as pessoas que escrevem com este ânimo usam a mera assertiva, enquanto ele, ao contrário, sempre o faz com base no conhecimento preciso do

orientar o leitor, não apenas opinar ou noticiar. Um rodapé do tamanho desta página tablóide. Nem longo como tese universitária, nem curto como resenha de editora. Um rodapé para rodar nas mãos dos leitores.

Escolhemos para estréia a reedição deste texto do mestre Antônio Cândido sobre *Tentativas de mitologia*, obra de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1980 neste jornal, na ocasião em que o eminente historiador paulista ganhou o Prêmio Juca Pato. Antônio Cândido, autor de *Literatura e Sociedade*, salienta neste texto a amplidão da cultura e o alcance do senso crítico do grande historiador, cujo centenário é celebrado neste ano

fato, do texto e da referência. Quando contesta Oliveira Viana, por exemplo, não lhe opõe uma simples opinião ou raciocínio, mas prova abundantemente o que afirma, – como acontece também nas análises polidas e corrosivas da obra de Gilberto Freyre. É interessante observar em ambos os casos o seu jeito de desfazer as noções habituais, as dobras que o hábito costuma fazer nos estudiosos e leitores até consolidar o erro. Sérgio tem uma espécie de serena maestria para recompor a integridade do tecido e, mesmo a contrapelo, trazer o entendimento para o caminho certo.

Se um estudo inovador e revelador como o que consagra a Jaime Cortesão permite avaliar a amplitude da sua asa histórica, os que mencionei sobre Oliveira Viana e Gilberto Freyre permitem sentir também certos aspectos nem sempre lembrados da sua atuação no panorama das idéias políticas e sociais no Brasil dos anos 30 e 40. Hoje ficou moeda corrente muita coisa que ele mostrou com a sobriedade costumeira, aliada não obstante a uma firmeza de princípios que nem por ser desprovida de sectarismo é menos marcada. Por isso é bom ler estes ensaios na perspectiva da história das idéias (em sentido próprio), a fim de compreender o que havia de radicalmente crítico na sua maneira de analisar noções e conceitos na moda, como patriarcalismo, raça, tradição lusitana, etc., que formavam como outros o equipamento de estudiosos, jornalistas e políticos. Noções e conceitos facilmente degeneráveis em preconceitos, que ele submeteu a fogo cerrado, batendo em brecha o autoritarismo, desmitificando a aura das elites, inclusive certos mitos eufóricos quanto à cultura material e o teor de vida do passado das classes dominantes. Tudo isto está presente em muitos ensaios de *Tentativas de Mitologia*; e lamenta-se que esta edição não traga indicações das datas em que foram publicados, porque elas permitiram ver melhor o contexto em que atuaram inicialmente, podendo o leitor inclusive constatar a atualidade e ao mesmo tempo a largueza de vistas acima das modas com que Sérgio trata, por exemplo problemas de teoria da literatura. Neste setor ele revela uma informação excepcional sobre as correntes do momento, sobretudo o *new criticism* dos anos 40, manifestando porém o distanciamento crítico que libera o espírito do servilismo da novidade e lhe permite situar objetivamente o que há de positivo nas propostas de renovação e inovação.

Sérgio submeteu a fogo cerrado noções e conceitos facilmente degeneráveis em preconceitos, batendo em brecha o autoritarismo, desmitificando a aura das elites, inclusive certos mitos eufóricos quanto à cultura material e o teor de vida do passado das classes dominantes.

Por tudo isso, quem votou este ano em Sérgio Buarque de Holanda para o Juca Pato acertou em cheio, pois consagrou um intelectual que apresenta não apenas a eminência específica requerida, mas que possui também as qualidades humanas que o tronam modelar como inspiração para os outros. Um verdadeiro mestre, portanto.&